



## Uma biblioteca de escritor: A biblioteca de Murilo Mendes

### *A Writer's Library: The Library of Murilo Mendes*

Júlio Castañon Guimarães

Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

juliocastanonguimaraes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6983-5909>

**Resumo:** Este artigo aborda algumas questões relacionadas com a biblioteca de um escritor, tomando como objeto a biblioteca que pertenceu a Murilo Mendes. Essa biblioteca está depositada no Museu de Arte Murilo Mendes da Universidade Federal de Juiz de Fora. Há dados que informam não se tratar da biblioteca em sua integralidade tal como quando em posse do escritor. Quanto à sua formação, é possível apenas levantar algumas hipóteses. Todavia, é possível estabelecer claras relações entre diversos setores da biblioteca e a produção literária do escritor, como ocorre no caso de inúmeros autores, alguns dos quais são referidos neste trabalho. São sobretudo essas relações que têm interesse para este artigo e se tornam seu principal objeto.

**Palavras-chave:** formação da biblioteca do escritor; características da biblioteca; relações com a produção do escritor.

**Abstract:** This article focuses on some questions related to a writer's library, taking as object the library that belonged to Murilo Mendes. This library is deposited in the Museu de Arte Murilo Mendes at the Universidade Federal de Juiz de Fora. Some elements inform that it is not the library in its entirety as when in the possession of the writer. As for its formation, it is only possible to raise a few hypotheses. However, it is possible to establish clear relationships between different sectors of the library and the literary production of the writer, as in the case of many authors, some of whom are referred to in this article. It is mainly these relationships that are of interest to this article and become its main object.

**Keywords:** formation of the writer's library; library features; relations with the writer's production.

O interesse que a biblioteca de um escritor pode ter está naturalmente, em primeiro lugar, na importância dos próprios livros, ou seja, na utilidade própria de qualquer biblioteca bem formada para determinada área do

conhecimento ou para mais de uma área. Todavia, em relação a uma biblioteca de escritor há sempre uma expectativa especial, específica: sua possível relação com a obra do autor. Espera-se que a exploração da biblioteca possa contribuir para o estudo da obra. Além disso, em casos como o de Murilo Mendes, a biblioteca pode ser considerada também ponto de entrecruzamento de outros campos. Assim, se se relaciona com a obra, relaciona-se com os manuscritos, ou seja, com um arquivo, sobretudo se houver uma *marginália*, se o autor tiver deixado algum tipo de anotação nos volumes da biblioteca. Esta se relaciona também com outra coleção do autor, a de artes plásticas - de modo mais evidente por incluir livros sobre o assunto, havendo porém outras formas de contato: por exemplo, uma gravura de Braque integrante da coleção traz a anotação de que foi presente de René Char, autor presente na biblioteca. Relaciona-se ainda com o interesse musical de Murilo, por incluir livros relativos ao assunto sobre o qual ele, por sua vez, escreveu, sendo possível mesmo dizer que se relaciona com sua provável coleção de discos. Relaciona-se bibliograficamente com a produção do autor, ao incluir ou não seus livros.

O que é chamado de “biblioteca de Murilo Mendes” é o conjunto de livros doado, pouco após a morte do escritor, à Universidade Federal de Juiz de Fora e que hoje se encontra no Museu de Arte Murilo Mendes dessa universidade. É composta por cerca de três mil livros de diferentes áreas - literatura brasileira, outras literaturas, filosofia, religião, artes plásticas e música. Não há registros que possibilitem traçar a história da efetiva biblioteca de Murilo. Seria uma situação ideal se a biblioteca de um autor conservasse todos os seus livros ou todos os livros que tivesse lido ou todos os livros com indícios de leitura. Consta, por exemplo, que Rui Barbosa tinha quase todas as obras de que fez citações (CARMO, 2011, p. 122). Este, porém, é sem dúvida um caso excepcional - em geral as situações efetivas são bem distantes dessas possibilidades. O proprietário de uma biblioteca terá lidos livros de outras bibliotecas, do mesmo modo como nem sempre em seus livros haverá indícios de leitura. Pode ocorrer de os indícios de leitura não serem do proprietário, que também se terá desfeito de livros que possuiu, terá perdido livros, terá emprestado livros que não foram devolvidos, e assim por diante. Michel Melot diz que “toda coleção de livros é uma construção do espírito” (MELOT, 2004, p. 55), no sentido

de que se trata tanto do “continente quanto do conteúdo”, o que dá margem a várias organizações possíveis.

Levando em conta essa maior ou menor precariedade do que se terá conservado, não é nem um pouco surpreendente que haja estudos dedicados a bibliotecas virtuais, no sentido daquilo que é possível ou factível, ou seja, do que poderia ter sido. Há um estudo sobre “as bibliotecas virtuais de James Joyce e de Virginia Woolf”, de autoria de Daniel Ferrer, que assim explica o emprego do termo em relação a essas bibliotecas: “Infelizmente, num caso como noutro, por razões opostas, a recensão dos livros possuídos revela-se inteiramente insuficiente para dar uma ideia da *biblioteca* útil, das práticas de leitura e do papel desempenhado por essas práticas na criação da obra dos dois escritores” (FERRES, 2001 p. 172). Aqui, importa atentar para a expressão *biblioteca* útil, isto é, é a biblioteca que efetivamente foi usada pelo escritor e que nem sempre é possível definir, sendo esta justamente a biblioteca que interessa para os estudos relativos ao autor. Assim, segundo Daniel Ferrer, Virginia Woolf contou com bibliotecas de vários membros de sua família, bem como com a da editora por eles fundada, e “mesmo que se chegasse a reconstituir a lista dos livros que se encontravam nessas diversos domicílios, não teríamos a informação daqueles que lhe pertenciam de fato ou daqueles que ela leu, e não seríamos também capazes de determinar com segurança quem pode estar na origem das marcas e traços de leitura que eles poderiam conter” (FERRER, 2001, p. 172). No caso de James Joyce, diz Daniel Ferrer: “Ele era pobre e nômade. Não possuía muitos livros e teve, no curso de suas peregrinações, de abandonar por vezes aqueles que havia reunido. Além disso, ambos frequentavam bibliotecas públicas e tomavam livros emprestados a amigos” (FERRER, 2001, p. 172). Todavia, diz ainda o autor do artigo que os dois tinham cadernetas com anotações de leitura que permitem a reconstituição de modo bastante razoável da “biblioteca útil” de cada um e que, além disso, “dão informações insubstituíveis sobre o modo como essa biblioteca era utilizada” (FERRER, 2001, p. 172). A relação que se estabelece então entre anotações de leitura e biblioteca vem somar-se às outras possibilidades já referidas de relações entre biblioteca e obra, pois naturalmente essas anotações relacionam-se também com a obra. Esse “modo como a biblioteca era utilizada” vai um pouco além da identificação de como se compõe a biblioteca, pois já é de algum modo a especificação de como ela era uma “biblioteca útil”.

Há um estudo que se ocupa da biblioteca de Marcel Proust - ou melhor de suas leituras, pois ele não tinha biblioteca pessoal - e que, embora não use a expressão “biblioteca virtual”, realiza trabalho similar, que consiste em

reconstituir a biblioteca de Marcel Proust a partir da *Correspondance* editada por Philippe Kolb. (...) Trata-se de ao mesmo tempo deduzir de suas cartas quais obras ele possuía, mas também e sobretudo quais ele tinha lido entre aquelas que lhe pertenciam ou que ele pegava emprestadas. O que nos interessa é tentar repertoriar com quais leituras – quotidianas ou episódicas, íntimas ou distraídas – Proust escrevia (LAMBILLIOTTE, 1999, p. 81).

Também aqui o propósito é identificar a biblioteca útil, tendo como fonte de informação a correspondência. Essa situação acrescenta ainda outra possibilidade a todas aquelas já referidas no plano das relações entre obra e biblioteca. Os casos desses escritores, em que não havia efetivamente uma biblioteca pessoal, exigiram dos estudiosos pesquisas de outros materiais que permitissem a identificação pelo menos de suas leituras. Essas diferentes situações, se oferecem elementos para a abordagem de casos similares, de certo modo abrem caminho mesmo para casos com outras peculiaridades.

Situação de certo modo oposta é a da existência não de uma biblioteca de determinado escritor, mas de mais de uma. É o caso abordado num estudo sobre “As bibliotecas de Stendhal”, em que sua autora diz:

Stendhal tende a acumular, onde quer que vá, livros e volumes que se esforça para levar consigo quando de seus deslocamentos. Mas com o correr dos anos e das viagens, essa biblioteca sempre mais vasta não se desloca tão facilmente quanto seu proprietário. É assim que, no fim da vida, e de modo emblemático, Stendhal se vê com bibliotecas, de dimensões variáveis, que se constituíram em cada uma das grandes cidades onde ele permaneceu um pouco mais longamente: Paris, Milão, Civitavecchia, Roma (JACQUELOT, 2001, p. 71).

As diferentes bibliotecas poderiam estar ligadas a diferentes interesses em épocas distintas, mas, como refere o estudo, se ligam às muitas mudanças do autor. Ao mesmo tempo, têm a ver com essas mudanças eventuais descartes de livros, sendo que de todos esses aspectos resulta uma espécie de movimentação das bibliotecas:

O subtenente do sexto regimento de dragões [Stendhal] leva consigo na campanha da Itália cerca de sessenta volumes (relativos a vinte e quatro títulos) como ele especifica em seu *Diário*. Soldado, turista ou cônsul, Stendhal se desloca com livros nos bolsos e nas bagagens. Compra livros no curso de seus deslocamentos e quando para por um período suficientemente longo manda vir seus livros e constitui uma biblioteca, como em Milão, onde se instalou em 1817. Mas quando deixa a cidade em 1821, deixa livros e manuscritos para seu amigo Luigi Buzzi (JACQUELOT, 2001, p. 74).

O estudo informa ainda que há uma série de inventários que permitem a reconstituição aproximada dessas bibliotecas, reconstituição possível também graças a referências no *Diário* do escritor, em seus escritos autobiográficos, correspondência e rascunhos de trabalhos. Essas reconstituição virtual dá-se “do duplo ponto de vista diacrônico (as sedimentações sucessivas no correr dos anos) e sincrônico (o estado de suas diferentes bibliotecas quando de sua morte” (JACQUELOT, 2001, p. 77). Assim, aqui se propõe uma outra distinção: além das bibliotecas identificadas por suas localizações diversas, há aquelas identificadas por sua localização temporal, ou seja, bibliotecas distintas correspondentes a diferentes momentos da vida do escritor. Pode-se pelo menos supor que determinados locais correspondam a determinadas épocas, assim como se pode supor que a épocas distintas na mesma localidade teriam correspondido diferentes bibliotecas.

Esses vários aspectos - exemplos de algumas situações de bibliotecas de escritores – se apresentam também, em maior ou menor escala, no caso da biblioteca de Murilo Mendes, e, levados em conta, podem ajudar a melhor compreendê-la. Não há informações precisas sobre a constituição da biblioteca, nem sobre sua situação no momento da doação à Universidade Federal de Juiz de Fora. Há, todavia, um dado biográfico fundamental para algumas delimitações: em 1957, Murilo muda-se do Brasil para a Itália, onde viveu a seguir por quase vinte anos até sua morte em 1975. Mas não se há de esquecer a mudança inicial quando nos anos 1920 o poeta se transfere de sua cidade mineira para o Rio de Janeiro. Não se sabe se ele terá levado para a Itália toda a biblioteca que possuía no Brasil, mas na biblioteca constituída na Itália há bom número de livros do período brasileiro – os livros com anotação de datas vão justamente dos anos 1920 até os anos 1970. Entre outros casos, um exemplar das *Pensées* de Pascal traz a anotação de seu

nome, seu endereço no Rio de Janeiro e um número de telefone: “Murilo Mendes / Senador Vergueiro 203 / f. 255632”; um exemplar de Confúcio traz seu nome, local e data: “Murilo M. Mendes / Rio 1929”; e um exemplar de *Degas Danse Dessin* de Paul Valéry traz a anotação “MM Rio 1938”. Mas é já em relação à infância que Murilo em suas memórias dá pistas sobre a dificuldade de situar a proveniência dos livros lidos, da biblioteca útil virtual. Assim, no capítulo de *A idade do serrote* consagrado a Belmiro Braga, diz: “mais tarde me abre a caverna da sua biblioteca onde durante mil e uma tardes descobro Bocage, Antônio Nobre, Cesário Verde, Camilo, Fialho de Almeida, Eça de Queirós” (MENDES, 2018, p. 37).

Entre inícios da década de 1950 e após a instalação na Itália, Murilo viajou muito, por diversos países. Identifica-se na biblioteca a presença de livros que trazem as marcas desses deslocamentos: Amsterdam, Colônia, Londres, Paris, etc. Aí naturalmente se está longe de ter a biblioteca portátil de Stendhal, bem como a constituição de tantas diferentes bibliotecas em distintos lugares e tempos. Todavia, a atenção para esse fato - os livros obtidos durante as viagens - pode ajudar a compreender a incorporação à biblioteca de certos livros. Além disso, as datas e locais anotados nos exemplares contribuem para o estabelecimento de uma cronologia: Bruxelas, 1954; Santiago de Compostela, 1955; Amsterdam, 1954; Colônia, 1955; Barcelona, 1958; Sevilha, 1952; Haarlem, 1954; Madri, 1952; Londres, 1955; Paris, 1960; e assim por diante.

Ao lado da mudança para a Itália e dos demais deslocamentos, outro dado que talvez tenha alguma importância é o fato de Murilo ter-se casado com uma escritora, Saudade Cortesão, filha do importante historiador português Jaime Cortesão, com quem o casal morou por algum tempo no Rio de Janeiro e em cuja casa de Lisboa passava regularmente temporadas de férias. Pode-se perfeitamente supor que a mulher de Murilo ou tivesse sua própria biblioteca ou participasse da biblioteca do escritor. Além disso, nessa família de intelectuais, provavelmente houve contatos, por assim dizer, entre as diferentes bibliotecas pessoais. Na de Murilo encontra-se então um exemplar de *Poésies* de Mallarmé com dedicatória de terceiros (não legível) para Saudade Cortesão, datada de 1943, ou seja, ainda do período brasileiro. Há nela livros que pertenceram a Jaime Cortesão, pois têm dedicatórias para este: *Ensaio à luz...*, de M. Carlos, e *Curso de folclore*, de Aires da Mata Machado Filho. Há também um exemplar

de *Stories from the Canterbury Tales* com a anotação do nome de Judite Cortesão, irmã de Saudade. Parece que os casos são bem poucos, embora haja sempre a possibilidade de isso ter ocorrido com livros sem anotações. Além desses exemplares provenientes das relações familiares, a biblioteca conta com livros que pertenceram a pessoas próximas, como o exemplar de *Pélerinages franciscains* que pertenceu a Ismael Nery e no qual Murilo indicou as marcas feitas pelo antigo proprietário do livro; como um livro intitulado *Liturgia* que provavelmente pertenceu à mãe de Ismael Nery; ou como um exemplar de *América Latina* com dedicatória não identificada para o crítico Eduardo Portela.

Não são muitas as referências em textos de Murilo (de sua obra, em depoimentos, entrevistas, correspondência) a livros que podem ser identificados na biblioteca. Há alguns exemplos, ainda que às vezes negativos. Este é o caso de uma carta para Roberto Assumpção, de 15 de dezembro de 1949 (GUIMARÃES, 2007, p.38). na qual Murilo Mendes refere o livro *El Greco* com texto de Jean Cocteau, livro que ele teria pedido que o destinatário lhe enviasse; Murilo informa a Roberto Assumpção que o livro não havia chegado e reitera o pedido. Mesmo com essa reiteração, sendo que não há outra menção ao livro, este não se encontra na biblioteca.

Por outro lado, sabe-se que em boa parte da obra de Murilo este recorre frequentemente a citações, procedimento que se pode considerar característico de sua escrita. Um dos autores mais citados é sem dúvida Mallarmé. No entanto, de modo um tanto surpreendente, na biblioteca só há um exemplar das *Poesies* – originalmente propriedade da mulher do poeta, pois, como já referido, com dedicatória de terceiros para ela. Além disso há, é verdade, alguns estudos sobre Mallarmé, mas poucos, tendo em vista a importância que o autor tinha para Murilo. Não seria indevido supor que tenha havido na biblioteca tanto outros livros de Mallarmé quanto outras obras a ele consagradas, e que por algum motivo hoje não constam dela. Como termo de comparação, verifica-se que há na biblioteca quatro exemplares das *Fleurs du mal* de Baudelaire, outro autor de inegável importância para Murilo.

Numa outra correspondência, a importante correspondência com João Cabral de Melo Neto, Murilo refere algumas vezes suas leituras de poesia italiana, em especial de Dante e Guido Cavalcanti. Diz numa das cartas de 1962, depositada no Arquivo-Museu de Literatura da Fundação

Casa de Rui Barbosa: “Agora estou lendo outros poetas italianos do século XIII. (...) Tenho tido muito trabalho com essa leitura, difícil mesmo para italiano culto, mas vale a pena. Dispomos de uma edição anotadíssima – pelo especialista Contini – (dois grossos volumes, presente de Natal de Saudade)”. Mais uma vez, tem-se uma referência importante e específica a obra que não se encontra na biblioteca, entre tantas outras menções a seus objetos de “leitura e estudo” (GUIMARÃES, 2012, p. 22).

Há, porém, nesse tipo de referências, um caso positivo e de grande importância. Num depoimento do autor feito em 1959, lê-se: “Do rico patrimônio cultural do catolicismo em nossa época interessou-me mais a obra de teólogos, exegetas e sociólogos como Newman, dom Anscar Vonier, dom Columba Marmion, Karl Adam, Romano Guardini, Henri de Lubac, Teilhard de Chardin, L. Lebreton, do que poetas e romancistas como Claudel, Péguy, Mauriac, Bernanos, Graham Greene, sem bem que conheça e admire a todos esses também” (MENDES, 2014, p. 248). Há aqui uma efetiva concordância entre o depoimento e a biblioteca, pois há nela vários livros dos autores citados. Trata-se de um dado de grande importância não só Murilo ter em sua biblioteca essas obras, mas ter referido tais autores nesse depoimento. Afinal, Murilo é um autor em que a dimensão religiosa é significativa, sendo pelo menos referida em numerosos estudos sobre o poeta. Assim, chama atenção o fato dessa bibliografia não ser explorada pelos estudiosos que se interessam pela dimensão religiosa da obra do poeta, deixando de lado o que o próprio autor refere como parte importante de sua formação nesse domínio.

Assim como os estudos sobre outras bibliotecas podem ser úteis, a própria comparação, ainda que sumária, entre bibliotecas pode ser proveitosa. A biblioteca de Carlos Drummond de Andrade, hoje no Instituto Moreira Salles, tem cerca de quatro mil livros – sabe-se, porém, que não foi integralmente transferida para o Instituto, mas a parte não transferida é provavelmente bem pequena. A de Manuel Bandeira, que se encontra na Academia Brasileira de Letras, tem cerca de três mil livros. No caso dos três poetas pelo menos em número de livros, as bibliotecas não são muito discrepantes, mesmo levando em conta as prováveis lacunas. Um setor que se destaca sobretudo na biblioteca de Carlos Drummond de Andrade é o das obras de referência, como dicionários. A esse respeito, diz um artigo de Philippe Arbaizar: “Um das raras características da biblioteca

do escritor reside talvez em seus dicionários” (ARBAIZAR, 1992, p. 15). Assim, ressaltando essa característica comum, aponta para a presença de um instrumento necessário ao trabalho do escritor. Ao lado dessas obras de referência o autor menciona também outras obras de consulta, de referência - os “usuels”, como se diz em francês -, dizendo a propósito destes que “constituem um toque de realidade”. E lembra então que na biblioteca de Valery Larbaud “havia uma multiplicidade de guias de viagem, coleção que corresponde a seu perfil de viajante” (ARBAIZAR, 1992, p. 15). O mesmo se dá na biblioteca de Murilo Mendes, que viajou muito e que, além disso, de fato produziu uma literatura estreitamente relacionada com essas viagens, tanto na poesia (*Tempo espanhol, Siciliana*), quanto na prosa, em que o título *Carta geográfica* resume esse espaço de sua produção. Em sua biblioteca encontram-se alguns guias, como o Guide Bleu da Bélgica e Luxemburgo (com a inscrição: “Murilo Mendes / Paris 1953”), que traz uma profusão de marcas, além de ter sido conservado entre suas páginas um recorte de jornal com o título “Les musées, bibliothèques et archives de Bruxelles” – uma detalhada lista com endereços, horários, ou seja, informações práticas necessárias. Com muita probabilidade essas informações práticas foram-lhe úteis também na elaboração de muitos de seus textos.

No plano da dimensão das bibliotecas, há uma grande mudança, um salto quantitativo, quando se pensa em bibliotecas como a de Mário de Andrade e a de Haroldo de Campos, ambas por volta de vinte mil exemplares. Aqui se trata também de pesquisadores, estudiosos, críticos regulares e de grande produção, com bibliotecas abrangentes relacionadas com suas áreas de atuação. A menção ao tamanho das bibliotecas permite também pensar que elas existem em determinados espaços. Em relação a sua biblioteca, Haroldo de Campos falava em “bibliocasa”, referindo-se à sua casa tomada pelos livros. De modo similar, Telê Ancona, num artigo sobre a biblioteca de Mário de Andrade, fala em “casa biblioteca”, referindo-se a “uma casa na qual, com exceção dos dormitórios da família, havia estantes plenas de livros e revistas; do *hall* de entrada ao quarto que fora do principal morador”. Adiante, prossegue: “A biblioteca é alma da casa. Na classificação, os volumes arranjam-se pela ordem de entrada, conforme a disposição das estantes nos cômodos; áreas são misturadas, exceto música, etnografia e literatura brasileira com dedicatória dos autores” (LOPEZ, 2011, p. 56). Há fotografias de Haroldo de Campos quase submerso sob papéis e

livros em seu gabinete de trabalho. Não é o caso de Murilo Mendes, nem de Carlos Drummond de Andrade, nem de Manuel Bandeira. Não tiveram bibliotecas tão avassaladoras. O que existe de registro fotográfico ou mesmo cinematográfico de suas residências não mostra nenhuma presença tão dominante dos livros.

Apesar da disparidade em termos quantitativos, pode acontecer de haver um pequeno elemento comum entre bibliotecas muito distintas e que estabeleça alguma relação entre elas e entre seus proprietários – isso talvez possa acontecer com um único livro. Tanto na biblioteca de Haroldo de Campos quanto na de Murilo Mendes há uma obra do crítico David Hayman, *Joyce et Mallarmé* (1, stylistique de la suggestion; 2, les éléments mallarméens dans l'oeuvre de Joyce). De imediato, são possíveis algumas considerações: Haroldo Campos foi um estudioso e tradutor dos dois autores, James Joyce e Mallarmé, o que faz dele um leitor evidente do estudo crítico; Murilo Mendes foi leitor constante de Mallarmé, mas de modo algum de James Joyce. O mais significativo, porém, é o fato, nada inesperado, de que a obra da biblioteca de Haroldo esteja profusamente anotada (tendo também sido citada em trabalhos de Haroldo), enquanto na da biblioteca de Murilo não há qualquer marca. Talvez algum dia outros elementos (algum manuscrito, alguma correspondência – como a que houve entre Haroldo e Murilo) acrescentem novos dados à pequena questão. De qualquer modo, diante das maiores dificuldade para estudos mais abrangentes, sempre serão úteis aproximações entre bibliotecas, ainda que por meio de elementos parciais, aparentemente isoladas, mas que terão alguma coisa a dizer em relação a vários aspectos das bibliotecas e das obras.

No caso de Drummond, mesmo não se tratando de biblioteca tão extensa, sabe-se que havia um registro dos livros, um catálogo em fichas feito por ele, ainda que não conforme aos padrões em vigor. No caso de Mário de Andrade, Telê Ancona informa sobre as etiquetas com indicação do cômodo, da estante, da prateleira, onde se organizavam os livros. Quanto à biblioteca de Murilo Mendes, não há qualquer informação sobre esses aspectos, não havendo evidência de que houvesse alguma catalogação. Todavia, talvez o que mais importe aqui, seja não tanto a catalogação ou não catalogação, como diz Arbaizar: “Mais significativo que a ordem abstrata de um catálogo, a repartição dos livros no espaço da residência traz uma indicação quanto ao modo como o escritor os hierarquizava” (ARBAIZAR, 1992, p. 24). O que

se pode supor dessa hierarquia é que ela esteja em relação com o trabalho do escritor - portanto, em relação com o uso que fazia de sua biblioteca. A organização, em termos de distribuição pelo espaço da casa, teria a ver sobretudo com as necessidades mais imediatas do trabalho. Assim, diz o mesmo artigo de Arbaizar: “As bibliotecas são modificáveis; o escritor tem ao alcance da mão os livros necessários ao trabalho em curso” (ARBAIZAR, 1992, p. 24). Não só os livros que integrariam uma biblioteca variariam em função das necessidades de seu proprietário, como a própria disposição dos livros na casa poderia alterar-se em relação com o trabalho em curso.

Há fotografias em que é possível ver estantes de livros no apartamento romano de Murilo Mendes da via del Consolato, mas não dão margem a qualquer divagação sobre a organização e o uso desses livros. Todavia, a essa eventual mobilidade da biblioteca dentro da casa podem somar-se, no caso de Murilo Mendes, mudanças de casa, de cidade, de país, de interesses, de projetos literários, o que se verifica ao longo dos anos e dos rumos que seu trabalho vai assumindo. Seriam assim múltiplos os arranjos de uma biblioteca, e dificilmente reconstituíveis. Com a transferência das bibliotecas para instituições, a disposição em que se encontravam nas casas dos escritores muito frequentemente desaparece, ainda que em parte essas informações possam ser preservadas nos casos em que havia algum tipo de catalogação.

Se há uma relação da biblioteca com a obra, é possível em alguns casos que essa relação se dê de modo bem estreito com a própria escrita. É o que ressalta Telê Ancona em relação ao caso de Mário de Andrade: “Quando se estuda a biblioteca de Mário de Andrade, deve-se pensar que quem percorre a biblioteca de um escritor encontra, concreta e virtualmente, nos autores ali enfileirados, textos desse mesmo escritor. (...) Nas estantes quedam-se obras *in statu nascendi*, isto é, fragmentos ou textos inteiros, materializados na marginália, e indícios de obras editadas ou inéditas, começos ou parcelas que se escondem em leituras sem anotações do lápis ou da caneta” (LOPEZ, 2011, p. 62). Se no caso de Mário de Andrade, há uma importante marginália, tal não ocorre no caso de Murilo Mendes - no mais das vezes há discretas marcas, assinalando passagens, e anotações geralmente na última página dos livros. Essas anotações podem ser simples palavras às vezes acompanhadas de seu significado, no caso de livros em outras línguas, ou apenas o número das páginas em que há algo de interesse,

acompanhado esse número às vezes de uma breve identificação do assunto, como uma espécie de índice.

No entanto, mesmo com esses poucos elementos, é possível identificar relações com a obra. Num exemplar de *Pièces*, de Francis Ponge, uma das anotações diz: “composição com dezenas de palavras”, referindo-se a um trecho do texto “L’araignée” em que há uma coluna de 43 linhas constituída apenas pela enumeração de dezenas de substantivos. Em *Convergência*, de Murilo, há vários textos com composição similar, ainda que no texto pongiano as palavras se agrupem pela aproximação semântica, enquanto nos textos murilianos talvez haja uma preponderância das aproximações sonoras. Além de anotações como esta, onde é possível perceber uma relação mais imediata, pode-se lembrar que em vários livros de Ponge presentes na biblioteca há várias marcas, o que se compreende quando uma das definições de Murilo em sua fase final se formula como “francispongei-me”. Algumas dessas marcas, porém, fazem referência não aos livros em que se encontram, mas a outras leituras. Assim, no volume *Méthodes*, de Francis Ponge, está assinalada uma passagem em relação à qual Murilo anotou: “Rimbaud – après le déluge” (título de um texto das *Illuminations* de Rimbaud). Em *Pièces*, foi assinalada uma passagem acompanhada da seguinte anotação: “Les mains de Jeanne-Marie” (título de um poema também de Rimbaud). Ou seja, as anotações em livros de Francis Ponge remetem a outro autor da predileção de Murilo, numa pequena mostra de leituras cruzadas. Todavia, nem só de predileções são feitas as leituras. Ainda num outro livro de Francis Ponge, *Lyres*, num texto sobre Claudel, Murilo assinalou várias passagens irônicas, o que remete a seu depoimento sobre suas leituras teológicas, pois aí afirma ter mais interesse por estas do que pela obra de escritores católicos, entre os quais cita justamente Claudel.

Um setor significativo da biblioteca é o dos poetas italianos contemporâneos do próprio Murilo, os chamados novíssimos. Em *Convergência* há um poema dedicado a um desses autores, o “Murilograma a Nanni Balestrini”. Outros desses autores presentes na biblioteca são Alfredo Giuliani, Antonio Porta, Edoardo Sanguineti, Elio Pagliarani, todos integrantes da antologia *I novissimi*. Embora sejam autores com uma produção bastante diversificada, na obra de Murilo há muitas soluções em comum com esses autores, geralmente soluções de natureza formal. Mas nos livros desses autores Murilo assinalou com frequência a ocorrência de

uma palavra, de um tema, de outra natureza – morte, que é uma constante em seus poemas dessa sua fase final, em especial naqueles que escreveu em italiano e que constituíram o livro póstumo *Ipotesi*.

Esses exemplos são evidentemente poucos e esparsos, mas o fato é que a prática da anotação em Murilo não terá sido nem intensa nem sistemática. Todavia, há pelo menos um exemplo em que a anotação não se refere ao texto do livro em que ela se encontra, mas faz referência ao próprio procedimento de anotação. Assim, num exemplar das *Pensées* de Pascal, encontra-se anotado: “Aqui há poucas passagens sublinhadas, porque folheio mais a ed. Nelson, comprada em 1937”. De fato, há pelo menos duas edições da obra na biblioteca, ambas com muitas marcas. De qualquer modo, não deixa de ser curiosa a anotação – feita para quem? Para o próprio anotador ou para algum futuro usuário de sua biblioteca? De qualquer modo, esse exemplo de anotação, fazendo parte de um sistema de leitura, sugere uma organização da biblioteca em função de sua utilização pelo proprietário.

Como já referido aqui, a obra de Murilo inclui a presença, em dimensão muito significativa, do procedimento da citação, de modo às vezes mais às vezes menos explícito. Além disso, inclui incontáveis referências a escritores, artistas plásticos, músicos. Numerosos poemas de *Convergência* são dedicados a numerosos criadores, o mesmo ocorrendo com os textos dos *Retratos relâmpago* e até mesmo com os de um livro como *Janelas verdes*, dedicados não só a localidades de Portugal, mas também a escritores e artistas. Talvez fosse possível estabelecer alguma relação mínima entre muitos desses criadores e a biblioteca – pelo menos verificar a presença na biblioteca de obra relacionada com o autor em questão. É bastante improvável que isso se verifique em todos os casos. Mas há casos em que a aproximação é bastante abrangente, envolvendo diferentes setores da biblioteca, bem como outros conjuntos documentais, como a coleção de artes, manuscritos, edições e assim por diante.

Os vários livros do dramaturgo belga Michel de Ghelderode constantes da biblioteca trazem dedicatórias, às vezes de extensão bem maior que o habitual. Murilo não só o conheceu, como escreveu sobre ele em *Retratos relâmpago* e com ele manteve correspondência, tendo publicado uma pequena seleção dessa correspondência, sendo o restante ainda desconhecido. Outro autor com grande presença na biblioteca é Pierre-Jean Jouve, havendo nela vários de seus livros com dedicatórias; Murilo escreveu

sobre ele e com ele manteve correspondência, da qual se conhece pequena parte; além disso, os dois tinham em comum o apreço por Mozart, havendo na biblioteca o livro de Jouve *Le don Juan de Mozart*. Outro autor muito presente na biblioteca é Paul Éluard, sendo um dos livros intitulado *A Pablo Picasso*, bela homenagem do poeta ao artista plástico, por sua vez presente na coleção de Murilo com duas gravuras e uma cerâmica. De René Char há vários livros, alguns com dedicatória. Pode-se lembrar que provavelmente foi por intermédio de Albert Camus (com quem Murilo esteve em contato desde sua vinda ao Brasil em 1949) que Murilo estabeleceu relações com René Char. Este por sua vez estaria na origem de vários outros encontros, que resultaram inclusive em publicações, como no caso dos poemas de Murilo saídos na revista *Botteghe Oscure*, de que Char era uma espécie de orientador para a área de poesia. Murilo escreveu sobre Char e houve uma troca de correspondência entre eles, de que se conhece apenas pequena parte. Lembrando mais uma vez a já mencionada gravura de Braque oferecida a Murilo por Char, para continuar no plano das artes plásticas pode-se também lembrar a colaboração entre Char e Vieira da Silva – esta ilustrou vários textos do poeta francês, que por sua vez escreveu sobre a pintora. Dela e de seu marido, Arpad Szenes, grandes amigos do casal Mendes, há várias obras na coleção, tendo Murilo escrito várias vezes sobre ambos. Vieira e Arpad retrataram Murilo algumas vezes, e ilustraram obras suas, havendo também uma correspondência entre Vieira e Murilo.

A referência acima à revista *Botteghe Oscure*, em que Murilo colaborou, remete tanto ao setor dos periódicos, quanto àquele das publicações com sua participação. Há um poema de Murilo escrito em francês sobre Guy Levis Mano, tipógrafo e poeta francês, que por sua vez publicou muitos livros de Char; Levis Mano editava uma revista cujo título eram suas iniciais e na qual foram publicados poemas de Murilo, a revista *GLM*, de que há também exemplar na biblioteca. Todavia, o setor dos periódicos infelizmente não é muito extenso. De qualquer modo, na biblioteca encontra-se uma revista como a *Minotaure* (número de 1939), revista representativa do surrealismo e que tinha entre seus editores André Breton. Há ainda exemplares de *Verve* e *Derrière le Miroir*, revistas de arte, mas também de *Esprit*, a revista dirigida pelo crítico Albert Béguin, de quem Murilo se tornou amigo e com quem trocou correspondência. Há até mesmo exemplares da revista *Tel Quel*, revista da vanguarda francesa

dos anos 1960, ligada ao estruturalismo, o que dá margem para que se finalize essa relação, já não no setor dos periódicos, mas no dos estudos literários e linguísticos. Encontram-se na biblioteca obras de autores como Roman Jakobson, Leo Spitzer, Roland Barthes, Erich Auerbach, Wolfgang Kayser, Benedetto Croce, Cesare Segre, Mikel Dufrenne, René Wellek, J. P. Richard, Maurice Blanchot, e outros, em geral com anotações. O conjunto não só revela a atenção do poeta para com a atividade crítica, salientando sua importância em seu universo cultural, mas também permite perceber seu acompanhamento da produção que lhe era contemporânea.

Voltando ao plano das lacunas, há na biblioteca de Murilo ausências dignas de nota - são estas as de obras do próprio autor, como as dezenas de textos publicados em catálogos de exposição, livros de arte, revistas especializadas (como *XXe siècle* e *Quadrum*), além de edições especiais de seus poemas (como a plaquete *Marrakech*, de 1974, em tiragem de 60 exemplares com gravuras de Giovanola, ou o livro *Les matins de tous les jours*, de 1967, com um poema de Murilo, um de André Frénaud e um de Ungaretti, com prefácio de Pierre Restany, gravura de Corpora e gravuras e aquarela de Francesca Chandon, em tiragem de 45 exemplares). Os por vezes perdidos caminhos trilhados por uma biblioteca talvez não permitam que se encontre uma explicação para que obras do próprio proprietário da biblioteca nesta não se encontrem. Em alguns casos há explicações de natureza bem pragmática – certas obras excepcionais, tendo em vista seu valor comercial, acabam sendo negociadas à parte. De qualquer modo, essas lacunas lembram a evidência de que bibliotecas podem precisar de outras bibliotecas, não podendo ser tomadas de forma autônoma. A obra do autor em muitos casos permite vislumbrar uma biblioteca que não existe mais ou que talvez nunca tenha existido, assim como a biblioteca disponível pode ajudar a vislumbrar na obra os livros que nela não estão explícitos. Enfim, diferentes bibliotecas, de diferentes épocas e em diferentes espaços, complementam-se, sugerem-se, a partir das próprias estantes, a partir dos textos.

## Referências

ARBAIZAR, Philippe. La bibliothèque de l'écrivain. In : POULAIN, Martine (org.). *Histoire des bibliothèques françaises*. 1914-1990. IV, Les bibliothèques au XXe. Siècle. Paris : Promodis, 1992.

CARMO, Laura do. Marcas de leitura de Rui Barbosa. *Escritos* : revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ano 5, n. 5, 2011.

FERRER, Daniel. Les bibliothèques virtuelles de James Joyce et de Virginia Woolf. In: IORIO, Paolo d' e Paolo d' e FERRER, Daniel (orgs.). *Bibliothèques d'écrivains*. Paris : CNRS, 2001.

FERRER, Daniel (orgs.). *Bibliothèques d'écrivains*. Paris : CNRS, 2001, p. 172.

GUIMARÃES, Júlio Castañon (org.). *Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

GUIMARAES, Júlio Castañon. A forma severa – ajustes de roteiro em Murilo Mendes. *Remate de Males*, Unicamp, IEL, n. 32.1, 2012.

JACQUELOT, Hélène de. Les bibliothèques de Stendhal. In: IORIO, Paolo d' e FERRER, Daniel (orgs.). *Bibliothèques d'écrivains*. Paris: CNRS, 2001.

LAMBILLIOTTE, Julie. La bibliothèque de Marcel Proust: de la lecture à l'écriture. *Bulletin d'Informations Proustiennes*, n. 30, 1999.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginália. *Escritos*: revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ano 5, n. 5, 2011.

MELLOT, Michel. *La sagesse du bibliothécaire*. Paris : L'Oeil Neuf, 2004.

MENDES, Murilo. A poesia e o nosso tempo. Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, 25 de julho de 1959. In: MENDES, Murilo. *Antologia poética*. Org. Júlio Castañon Guimarães e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.